

CAPÍTULO I

Conheci Sophia Leonides no Egito, quando a guerra se aproximava do fim. Ela tinha um cargo administrativo bastante importante em um dos departamentos do Ministério das Relações Exteriores que havia por lá. Nosso primeiro encontro se deu em âmbito profissional, e logo percebi a competência que a levava ao posto que ocupava, apesar de, na época, Sophia ter apenas 22 anos.

Além de muito agradável aos olhos, ela tinha a mente lúcida e um senso de humor mordaz que eu achava delicioso. Ficamos amigos. Era uma pessoa com quem a conversa fluía sem nenhuma dificuldade e nos divertíamos com jantares e bailes ocasionais.

Eu já sabia disso tudo, mas foi só quando me mandaram para o Leste no final da guerra europeia que soube de algo mais: amava Sophia e desejava casar-me com ela.

Estávamos jantando no Shepheard's quando fiz tal descoberta. Não me veio como uma surpresa, mas sim como a identificação de um fato com o qual já fazia tempo que estava familiarizado. Olhei para ela com novos olhos – mas vi o que já sabia há muito tempo. Gostava de tudo o que eu via. Os cabelos escuros e crespos que brotavam com orgulho da testa, os olhos azuis e brilhantes, o queixinho quadrado e destemido e o nariz reto. Gostava das roupas feitas sob medida, bem-cortadas e cinza-claro, e de camisetas brancas e bem-passadas. Ela tinha um ar inglês revigorante, e isso exercia forte atração sobre mim depois de três anos sem visitar a minha terra natal. Ninguém, pensei eu, conseguiria ser mais inglesa – e enquanto pensava exatamente

isso, de repente me perguntei se de fato ela era, ou realmente poderia ser, tão inglesa quanto parecia. Será que a realidade poderia alcançar a perfeição de uma interpretação teatral?

Dei-me conta disso e também de que, por mais liberdade que tivéssemos ao conversar um com o outro e discutir nossas ideias, falar sobre o que gostávamos e o que não gostávamos, sobre o futuro, sobre amigos íntimos e conhecidos, Sophia nunca mencionava nada sobre suas raízes ou sua família. Sabia tudo a meu respeito (era, como já revelei, uma boa ouvinte), mas sobre ela, eu nada sabia. Ela tinha, suponho, um passado normal, mas nunca falara disso. E até aquele momento eu não tinha me dado conta daquilo.

Sophia perguntou sobre o que eu estava pensando.

Respondi honestamente:

– Em você.

– Entendo – falou. E soou como se entendesse de verdade.

– Talvez nos encontremos de novo somente daqui a uns anos – eu disse. – Não sei quando voltarei à Inglaterra. Mas assim que voltar, a primeira providência que tomarei será procurá-la e pedi-la em casamento.

Ela ouviu isso sem sequer pestanejar. Permaneceu sentada, fumando, sem olhar para mim.

Por alguns instantes fiquei tenso com a possibilidade de que ela não compreendesse.

– Ouça – continuei. – Se há algo que eu estou determinado a *não* fazer, é pedir-lhe que se case comigo agora. Não daria certo, de qualquer modo. Primeiro, você poderia me rejeitar, e então eu iria embora infeliz e provavelmente me ligaria a alguma mulher horrível só para recuperar meu amor-próprio. E se você não me rejeitasse, o que faríamos? Nos casaríamos e logo em seguida nos separaríamos? Noivariamos e nos conformaríamos a um longo período de espera? Não aguentaria que você fizesse isso. Você poderia conhecer alguém e se sentir obrigada a ser “leal” a mim. Temos vivido em uma atmosfera de estranha agitação, cujo mote

é de que tudo deve ser levado a cabo rapidamente. Casamentos e casos de amor se iniciando e se desmanchando ao nosso redor. Eu gostaria de ter a sensação de que você voltou para casa, livre e independente, para olhar à sua volta e avaliar o novo mundo do pós-guerra e decidir o que quer dele. O que há entre você e eu, Sophia, tem de ser *permanente*. Não vejo razão para outro tipo de casamento.

– Eu também não – declarou Sophia.

– Por outro lado – prossegui –, acho que tenho o direito de lhe informar como eu... bem... como me sinto.

– Mas sem usar uma expressão lírica exagerada? – murmurou Sophia.

– Querida... será que você não entende? Eu tentei *não* dizer que te amo...

Ela me interrompeu.

– Entendo sim, Charles. E gosto do seu jeito singular de fazer as coisas. E você pode me procurar quando voltar... se ainda quiser...

Foi a minha vez de interromper.

– Quanto a isso, não há dúvida.

– Há sempre dúvida quanto a tudo, Charles. Sempre pode haver um fator inesperado. Em primeiro lugar, você não sabe muito a meu respeito, não é?

– Nem mesmo sei em que lugar de Londres você mora.

– Moro em Swinly Dean.

Assenti diante da menção do famoso subúrbio distante de Londres que ostenta três excelentes campos de golfe usados pelos financistas da cidade.

Ela acrescentou baixinho, em tom pensativo:

– “E numa casinha torta”...*

Devo ter ficado com uma expressão ligeiramente assustada, pois ela pareceu satisfeita, e se explicou, aprimorando a citação:

* Trecho de uma canção infantil, popular na Inglaterra, chamada “There was a Crooked Man” (Havia um homem torto). (N.E.)

– “E numa casinha torta esse grupo se aglomerou.” Somos nós. Na verdade não é uma casinha. Mas definitivamente é torta... com direito a empenas e vigas expostas!

– Você vem de uma família grande? Irmãos?

– Um irmão, uma irmã, uma mãe, um pai, um tio, uma tia, um avô, uma tia-avó e a esposa do meu avô.

– Meu Deus! – exclamei, estupefato.

Ela riu.

– Claro que normalmente não moramos todos juntos. A guerra e os ataques aéreos causaram esta situação... mas não sei – ela franziu a testa, reflexiva –, talvez espiritualmente a família tenha sempre vivido reunida... sob o olhar e a proteção do meu avô. Ele já passou dos oitenta anos, tem um metro e meio, e ofusca todo mundo que esteja por perto.

– Ele parece interessante – eu disse.

– Ele é interessante. Ele é grego de Esmirna. Aristide Leonides. – Ela acrescentou, com um brilho nos olhos: – É riquíssimo.

– Será que alguém vai continuar rico depois que isso terminar?

– Meu avô vai – declarou Sophia, com segurança. – Nenhuma tática para explorar os ricos terá efeito sobre ele. Ele simplesmente exploraria os exploradores. Me pergunto – ela prosseguiu – se você vai gostar dele.

– Você gosta? – indaguei.

– Mais do que de qualquer outra pessoa neste mundo – respondeu Sophia.

CAPÍTULO 2

Passaram-se dois anos até eu retornar à Inglaterra. Não foram anos fáceis. Mandeï cartas para Sophia e tive notícias dela com bastante frequência. Suas cartas, assim como as minhas, não eram cartas de amor. Eram cartas de amigos íntimos: tratavam de ideias e pensamentos e continham comentários sobre o curso diário da vida. Porém, sei que no que me dizia respeito, e acreditava que também no que dizia respeito à Sophia, nossos sentimentos um pelo outro cresciam e se fortaleciam.

Cheguei à Inglaterra em um dia levemente cinzento de setembro. As folhas das árvores douravam à luz do fim de tarde. Havia rajadas de vento brincalhonas. Do aeroporto, enviei um telegrama a Sophia.

Acabei de chegar. Aceita jantar hoje Mario's nove horas Charles.

Algumas horas depois eu estava sentado, lendo o *Times* e esquadrinhando a coluna de Nascimentos, Casamentos e Óbitos, quando meu olhar foi atraído pelo nome Leonides:

Faleceu no dia 19 de setembro, na residência Três Empenas, em Swinly Dean, Aristide Leonides, amado esposo de Brenda Leonides, aos 87 anos. Profunda tristeza.

Havia outro anúncio logo abaixo:

LEONIDES – Faleceu repentinamente em sua residência, Três Empenas, em Swinly Dean, Aristide Leonides. Querido pai e avô. Enviar flores para St. Eldred's Church, em Swinly Dean.

Achei os dois anúncios bastante curiosos. Parecia que o serviço falho de alguma equipe tinha causado sobreposição. Porém, o que mais me preocupava era Sophia. Tratei de mandar-lhe outro telegrama imediatamente:

Acabo de ver notícia sobre morte de seu avô. Minhas condolências. Diga quando posso vê-la. Charles.

Recebi um telegrama de Sophia às seis, na casa do meu pai. Lia-se:

Estarei no Mario's nove horas. Sophia.

A ideia de rever Sophia me deixou ao mesmo tempo tenso e animado. O tempo se arrastava com uma lentidão enlouquecedora. Vinte minutos antes do horário marcado, eu já estava no Mario's. A própria Sophia chegou com apenas cinco minutos de atraso.

É sempre um choque reencontrar alguém que não se vê faz muito tempo, mas em quem pensamos ao longo de todo o período de afastamento. Quando Sophia finalmente entrou pelas portas de vaivém, nosso encontro pareceu totalmente irreal. Estava vestida de preto e, por alguma razão inexplicável, aquilo me deixou surpreso. As outras mulheres, em sua maioria, usavam roupas pretas, mas enfiei na cabeça que sem dúvida era por causa do luto, e me surpreendeu a ideia de que Sophia fosse o tipo de pessoa que vestiria preto, ainda que fosse por um parente próximo.

Tomamos coquetéis e em seguida fomos para a mesa. Conversamos com pressa e agitação, perguntando sobre velhos amigos da época do Cairo. Foi uma conversa artificial, mas nos ajudou a superar o estranhamento. Expressei minha comiseração pela morte de seu avô, e Sophia disse em voz baixa que tudo fora “muito repentino”. Depois voltamos a lembrar o passado. Comecei a sentir, com certo incômodo, que havia algo errado; quero

dizer, algo além da falta de jeito que é natural aos primeiros momentos dos reencontros. Havia algo errado, claramente errado, com a própria Sophia. Será que ela ia me contar que encontrara um outro homem de quem gostava mais do que de mim? Que seus sentimentos por mim não passaram de “um grande engano”?

Por algum motivo, imaginei que não fosse isso – não sabia o que era. Nesse ínterim, continuávamos nossa conversa superficial.

Então, de repente, no momento em que o garçom colocou o café na mesa e se retirou fazendo uma mesura, tudo se ajeitou. Ali estávamos Sophia e eu, juntos, como antes era tão frequente, em volta de uma mesinha de restaurante. Os anos da nossa separação poderiam jamais ter acontecido.

– *Sophia* – eu disse.

E ela respondeu imediatamente:

– Charles!

Soltei um suspiro, aliviado.

– Graças a Deus que isso acabou – declarei. – O que está acontecendo conosco?

– A culpa deve ser minha. Fui burra.

– Mas agora está tudo bem?

– Sim, agora está tudo bem.

Sorrimos um para o outro.

– Querida! – eu disse. E então: – Quando você vai se casar comigo?

O sorriso dela se extinguiu. Aquele algo, o que quer que fosse, tinha voltado.

– Não sei – ela respondeu. – Não tenho certeza, Charles, se um dia vou poder me casar com você.

– Mas, Sophia! Por que não? É porque você me vê como um estranho? Quer um tempo para se acostumar comigo outra vez? Existe outra pessoa? Não... – Minha voz falhou. – Sou um tolo. Não é nada disso.

– Não, não é. – Ela balançou a cabeça.

Esperei. Ela disse, em voz baixa:

– É a morte do meu avô.

– A morte do seu avô? Mas por quê? Que diferença isso faz?

Você não está querendo dizer... não é possível que você imagine... é por causa do dinheiro? Ele não deixou nada? Mas sem dúvida, minha querida...

– Não é o dinheiro. – Ela me deu um sorriso fugaz. – Acho que você estaria disposto a “ficar comigo enquanto estou por baixo”, como diz a velha expressão. E, enquanto estive vivo, vovô nunca perdeu dinheiro.

– Então, qual é o problema?

– É que a morte dele... Veja bem, Charles, não acho que ele simplesmente... faleceu. Acho que pode ter sido... assassinado...

Eu a encarei.

– Mas... que desatino. O que a faz pensar uma coisa dessas?

– Não fui *eu* que pensei. Para começo de conversa, o médico estava bem estranho. Ele se recusou a assinar o atestado. Vão fazer uma autópsia. Está bem claro que suspeitam de que haja algo errado.

Não contestei. Sophia era muito inteligente; qualquer conclusão a que chegasse merecia um voto de confiança.

No entanto, eu disse, muito sério:

– As suspeitas deles podem ser injustificadas. Mas deixando isso de lado e supondo que tenham razão de ser, como isso nos afeta?

– Pode afetar, sob certas circunstâncias. Você faz parte do corpo diplomático. Eles são muito exigentes em relação a esposas. Não... por favor, não diga todas as coisas que você está doído para dizer. Você está decidido a dizê-las, e acredito que você de fato as pense, e teoricamente concordo com elas. Mas sou orgulhosa, sou orgulhosa como o diabo. Quero que nosso casamento seja bom para todo mundo... Não quero representar a metade de um sacrifício feito por amor! E, como eu falei, *talvez* esteja tudo bem...

– Você quer dizer que o médico... talvez esteja enganado?

– Mesmo se não estiver enganado, não tem importância...
contanto que a pessoa certa o tenha assassinado.

– Do que você está falando, Sophia?

– Foi uma besteira falar isso. Mas, no final das contas,
alguém tem de ser honesto.

Ela evitou minhas palavras seguintes.

– Não, Charles. Não vou falar mais nada. Já devo ter falado
demais. Mas eu estava decidida a vir encontrá-lo hoje... para vê-lo
pessoalmente e fazê-lo entender. Não podemos resolver nada até
que isso se esclareça.

– Ao menos me fale do assunto.

Ela fez que não.

– Não quero.

– Mas... Sophia...

– Não, Charles. Não quero que você nos veja da *minha*
perspectiva. Quero que nos veja com um olhar neutro, de quem
está de fora.

– E como é que vou fazer isso?

Ela me olhou, uma luz estranha em seus brilhantes olhos
azuis.

– Através do seu pai – ela explicou.

Quando estávamos no Cairo, contei para Sophia que meu
pai era comissário-assistente da Scotland Yard. Ele ainda ocupa-
va o cargo. Ao ouvir aquelas palavras, senti um fardo gelado se
instalar em mim.

– Então a situação é tão ruim assim?

– Imagino que é. Está vendo o homem sentado sozinho
à mesa perto da porta? Um tipo apático, boa-pinta, que parece
ter sido do exército?

– Estou.

– Ele estava na plataforma de Swinly Dean hoje, quando
peguei o trem.

– Está querendo dizer que ele seguiu você até aqui?

– Isso mesmo. Acho que todos nós, como explicar?, estamos sob observação. Eles deram a entender que era melhor nenhum de nós sair de casa. Mas eu estava decidida a encontrá-lo. – O queixinho quadrado se projetou, destemido. – Saí pela janela do banheiro e desci pelo cano d’água.

– Querida!

– Mas a polícia é muito competente. E, claro, também teve o telegrama que mandei para você. Bem... não importa... estamos aqui, juntos... Mas de agora em diante, nós dois teremos de agir sozinhos.

Ela fez uma pausa e acrescentou:

– Infelizmente... não há dúvida... do amor que temos um pelo outro.

– Não há dúvida nenhuma – concordei. – E não diga “infelizmente”. Você e eu sobrevivemos a uma guerra mundial, foram muitas as vezes em que escapamos por pouco de uma morte repentina, e não vejo por que a morte repentina de um homem de idade avançada... Que idade ele tinha, aliás?

– Oitenta e sete.

– Claro. Estava no *Times*. Na minha opinião, ele morreu só de velhice, e qualquer clínico geral que se preze aceitaria isso como fato.

– Se você conhecesse o meu avô – disse Sophia –, ficaria surpreso com a morte dele, por *qualquer* que fosse o motivo!